

A Igreja de São Luís

Gastão Justa

Localizada quase no fim da rua Rodrigues Júnior, lado sul, erguia-se a pequena igreja de São Luís. Apesar da sua singela construção, estilo comum como qualquer capelinha do interior, sem decoração de espécie alguma, tôda caiadinha de branco, era o templo mais frequentado pelos habitantes do aprazível bairro do Outeiro.

Nos começos dêste século, a sua projeção era tão marcante, que muitas famílias católicas se deslocavam do centro da Cidade para assistirem ao novenário, que se realizava ali, em honra do querido Santo.

Era o tempo dos bondes puxados a burro. O bonde do Outeiro, que fazia a linha daquele bairro, apinhava-se de passageiros de tôdas as idades e de tôdas as posições sociais, que desembarcavam nas imediações da rua Rodrigues Júnior, e dali faziam o resto do itinerário a pé, num percurso de dois quarteirões. Devido à tradição dêsses festejos, penso eu, a rua Rodrigues Júnior ficou conhecida, por muitos anos, pelo nome de rua de São Luís.

Em frente ao adro da Igreja, abria-se um grande largo, onde não faltavam, durante as festividades, os taboleiros cheios de frutas, mesas de café, de aluá, de garapas de cajá, de maracujá e tamarina, tapiocas, cocadas, doce-sêco, caranguejos cozidos etc. A iluminação era a mais rudimentar. Era feita a vela de carnaúba, Colocava-se uma vela nos lampeões de vidros, e outros feitos de

papel de sêda de várias côres. De longe, o largo parecia um caleidoscópio. Môças e rapazes, senhoras e crianças, antes e depois das novenas, faziam do local um passatempo agradável. Uns conversavam; outros se empaturravam de garapas e guloseimas; ainda outros escolhiam o momento para os seus encontros amorosos.

O repicar festivo do sino da Igreja veio tirar-me, muitas vêzes, dos folguedos infantis.

— Hora da novena! Era a voz de tôdas as crianças do Bairro. E lá se iam tôdas, metidas em seus costumes de passeio, com o níquel para o doce-sêco e para a garapa de cajá.

Oficiava o sacrifício da Missa e as solenidades da Bênção e do novenário o velho Pe. Lima. O sacristão do modesto templo era um velhinho que morava na praça Figueira de Melo, conhecido de todos pelo nome de "Seu Zoínho". Era magricela e tinha um dos olhos murchos pela cegueira. Quando Zoínho passava em direção à Igreja, manhãzinha cedo ou à tardinha, era certo o comentário: — Lá vai "Seu" Zoínho. A Missa vai começar. Ou então: É a hora da novena.

"Seu" Zoínho abria a Igreja, arrumava os paramentos, e ia às cordas do sino: — Dlim, dlim, dlim...

O sino tinha um som diferente dos outros. Era agradável harmonioso, convidativo. Ouvindo-o, a gente tinha um desejo incontido de assistir às cerimônias religiosas, uma vontade imensa de se aproximar de Deus.

Quando me preparei para fazer a minha primeira Comunhão, o velho Pe. Lima foi o meu confessor. Contei-lhe os meus pequenos pecados. Que pecados poderia eu ter aos dez anos de idade?

Tudo na vida, entretanto, tem o seu comêço e o seu fim. O fim, então, é sempre melancólico.

E foi o que aconteceu com a pequenina e modesta igreja de São Luís. Com o correr dos anos, ela perdeu o esplendor dos seus dias de fervor religioso, e ficou abandonada, sem vigário e sem sacristão. O espaçoso adro se transformou em abrigo noturno para os mendigos e vagabundos. Até que um dia o Arcebispado de Fortaleza resolveu interditá-la e recolheu em outro templo os

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

paramentos e as suas imagens. Em seu lugar se erguem hoje modernas casas residenciais. E nunca mais o povo do bairro do Outeiro ouviu o repicar festivo do seu harmonioso sino. Sinto-o, às vêzes, bimbando dentro de mim, quando, fazendo uma pausa em meio à trepidação da vida contemporânea, demoro o pensamento nos longes do passado.